

# Relações Portugal-Moçambique valem bem um cônsul

O Jornal  
28/1/83 pág. 15

Pedro Vieira

**Como bombeiros bem adestrados, as autoridades de Lisboa e Maputo apressaram-se a apagar o rastilho que poderia ter feito explodir as excelentes relações luso-moçambicanas. O «explosivo» era da melhor qualidade: um diplomata com residência fixa, acusado de esconder armas em casa, depois de uma busca ali efectuada.**

Quando soou o alarme em Lisboa e Maputo, a resposta foi imediata. E os encontros que o embaixador Isaac Murargy, director dos Serviços Judiciários e Consulares do Ministério moçambicano dos Negócios Estrangeiros, enviado especial do ministro Joaquim Chissano, teve, nos últimos dias 21 e 22, com o ministro português dos Negócios Estrangeiros, decorreram num ambiente de grande distensão. Logo no dia 18 o gabinete do presidente Samora Machel comunicara à Presidência da República Portuguesa e ao Governo a deslocação a Lisboa de um enviado especial de Chissano com uma mensagem para Futscher Pereira.

Numa revista efectuada pelas autoridades policiais da Beira à residência do cônsul-geral português, no último dia 15, foram encontradas armas, o que baseou a posterior decisão de restringir a liberdade de movimentos do dr. João Versteeg, o que na prática correspondeu a uma detenção domiciliária. Este acto de força, que o Palácio das Necessidades classificou de «inadmissível à face das convenções que regem as relações entre Estados e das práticas internacionais» motivou uma enérgica nota de protesto do embaixador de Portugal em Maputo, José Cutileiro.

A questão, que nunca chegou a transbordar para os meios de informações moçambicanos, provocou natural perplexidade nos meios diplomáticos em Maputo, numa altura em que, tanto Machel como Chissano, se encontravam fora do país.

Na terça-feira, dia 18 o dr. João Versteeg seria autorizado a seguir para o Maputo, de onde depois regressou a Portugal. A questão começava, deste modo a resolver-se. Versteeg viajou de automóvel até Joanesburgo no dia 20, quinta-feira, tendo chegado a Lisboa no último sábado, numa altura, portanto, em que o embaixador

Murargy já tinha terminado a missão que o trouxe a Portugal. O dr. João Versteeg, um diplomata de carreira, com 40 anos, que antes de ser cônsul-geral na Beira serviu em Bona, Berlim (RDA), Recife, Roma e Harare (ex-Salisbúria), teve já um encontro com o secretário-geral do ministério, estando também previsto que se avistasse, ainda esta semana com o ministro dos Negócios Estrangeiros.

O Palácio das Necessidades rejeita, categoricamente, as acusações formuladas ou sugeridas contra o dr. Versteeg tendentes a envolvê-lo directa ou indirectamente «em quaisquer actividades contra o Governo

moçambicano». O dr. Versteeg, que está impedido de prestar declarações, deverá ser colocado em breve num novo posto. Por outro lado, o Governo português terá feito sentir de uma forma muito clara às autoridades moçambicanas que, de futuro, a verificarem-se casos semelhantes, eles terão certamente resultados onerosos para as relações entre os dois países.

Um observador bem colocado no Maputo fez-nos notar que as medidas contra o dr. Versteeg não foram, de nenhum modo, fruto de um lapso diplomático, o que equivale a dizer que elas foram uma prova de força. No entanto, a deslocação a Lisboa do embaixador Murargy foi avaliada como um gesto de boa vontade, destina-

do a «trazer rapidamente para a estrada» as relações entre os dois países após o «despiste» da Beira. O Presidente da República foi mantido permanentemente informado da situação quer pelo ministro dos Negócios Estrangeiros quer pelo primeiro-ministro. Murargy foi mesmo recebido em Belém por um assessor de Eanes. Entretanto, segundo um comunicado do MNE, vai ser nomeado, num prazo muito curto um novo cônsul para a Beira. Ainda não se conhecem nomes mas é certo que terá um perfil dialogante, dada a sensibilidade do posto.

Na verdade, depois das detenções nos últimos dias de António Martins da Silva Guerra, António Fernandes da Cunha

Fonseca e Rui Manuel Amorim Janeiro, são em número de dez os portugueses presos na Beira. Estas detenções relacionam-se com sabotagens verificadas em Dezembro contra tanques de combustível na segunda cidade de Moçambique de modo geral atribuídas à «Resistência Moçambicana». As forças de segurança da Beira são comandadas pelo general Armando Guebuza, um dos mais destacados dirigentes da Frelimo. Segundo uma informação obtida pela Anop e que não foi desmentida, as armas que o cônsul português na Beira tinha em seu poder, haviam-lhe sido entregues por uma cidadã portuguesa em apuros, Maria José Rodrigues da Costa, companheira do britânico Finlay Ha-

milton que se encontra detido.

## Visita de Machel a Lisboa

Entretanto, o ministro Futscher Pereira deveria visitar, oficialmente, Moçambique mas a deslocação foi adiada em consequência da crise política portuguesa. Uma fonte bem colocada disse a «O Jornal» que a deslocação se deve fazer nas próximas semanas podendo, eventualmente, estender-se a países limítrofes, designadamente o Zimbabwe. Em Maputo, o ministro português deverá discutir assuntos de interesse bilateral, designadamente a preparação da visita de Samora Machel a Lisboa, que em princípio deverá efectuar-se no próximo Outono.